

SOY CUBA: O MAMUTE SIBERIANO

Por Lilian Burgardt

Documentário de Vicente Ferraz destrincha a visão distorcida que soviéticos difundiram sobre cubanos em filme dos anos 60. Uma aula de cinema e história imperdível para universitários



Afinal, como eram os revolucionários cubanos?

documentário dirigido por Vicente Ferraz, graduado brasileiro da EICTV

Histórias de uma revolução

No início dos anos 60, o famoso diretor soviético Mikhail Kalatosov, junto com uma equipe de 200 pessoas, desembarcou na ilha de Cuba com uma missão: levar ao conhecimento das mais diversas nações a luta revolucionária dos líderes que acreditavam no socialismo. Nascia o sonho da superprodução Soy Cuba.

Apesar de toda a audácia, o filme, que pretendia ser uma propaganda para divulgar a

Revolução Cubana, fracassou logo na estréia, em Havana e em Moscou. O público ficou insatisfeito com a maneira como foi representado pelos soviéticos. Depois disso, seu destino foi o abandono nas prateleiras do ICAIC (Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica) até os anos 90, quando os cineastas norte-americanos Martin Scorsese e Francis Ford Copolla o relançaram, e, desta vez sim, foi aclamado pela crítica.

Afinal, por que Soy Cuba foi considerado um fracasso a princípio e, num segundo momento, um sucesso? Essa

questão levou o cineasta carioca Vicente Ferraz a realizar o documentário Soy Cuba - o mamute siberiano, no qual entrevistou atores e a equipe técnica que trabalharam no filme, resgatando um momento histórico até então "congelado" no passado: a aproximação entre Cuba e União Soviética.

O documentário vai além de um simples making off. Os testemunhos fantásticos coletados trazem à tona a história de vidas que se entrelaçaram por dois anos - tempo de gravação do filme -, os conflitos vividos por conta da diferença da cultura latina e

Ferraz é graduado da primeira turma da EICTV.

e eslava e os sonhos utópicos de povos que se uniram no passado em prol de um ideal que hoje não existe mais.

O filme é, sem dúvida, uma aula sobre como fazer cinema e, também, um mergulho profundo na Revolução Cubana mostrando como sonhos e desejos podem ter interpretações tão distintas mesmo quando envolvidos pelo mesmo ideal.

Andando pelos corredores das universidades é comum encontrar os famosos "bichos-grilo" vestindo camisetas vermelhas com a foto de Che Guevara ou discursando sobre os ideais políticos do socialismo e da Revolução. Mesmo que você não faça parte desta "turma", é possível que em algum momento tenha ficado curioso sobre o tema. Para entender mais sobre o assunto, está em cartaz nos cinemas um documentário que, em 90 minutos, é, segundo especialistas, uma verdadeira aula sobre a Revolução Cubana e os ideais do socialismo.

O documentário Soy Cuba - o mamute siberiano, do diretor carioca Vicente Ferraz, é um daqueles lançamentos que não podem deixar de ser vistos, especialmente por estudantes. Com riqueza de detalhes, conta a história da Revolução e retrata o momento em que União Soviética decide apoiar Cuba, quando o cineasta soviético Mikail Kalatosov e sua equipe desembarcam na ilha para filmar Soy Cuba, a primeira co-produção cinematográfica entre esses países, com o objetivo de divulgar a Revolução Cubana para o resto do mundo.

Para o coordenador do NACI (Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional) da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Paulo Edgar Resende, o documentário é um material precioso pois resgata este momento de aproximação da União Soviética com Cuba, destacando os altos investimentos feitos pelo governo soviético e desvendando o motivo do fracasso dessa superprodução, durante muito tempo esquecida nos arquivos do ICAIC (Instituto Cubano de Arte e

Vicente Ferraz



Indústria Cinematográfica). "O grande achado de Ferraz é ele ter descoberto este material no mesmo momento em que os cineastas norte-americanos Martin Scorsese e Francis Ford Coppolla o descobriram e se deslumbraram", revela.

Na opinião do professor da disciplina de Comunicação Comparada da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) Martin Cesar Feijó, outro ponto a favor de seu documentário é que ele não se limita a fazer um making off da super-produção, mas desvenda o porquê de seu desfecho catastrófico colhendo depoimentos de quem participou do filme, fossem atores ou técnicos. "Ferraz conseguiu trazer às telas os conflitos da alma eslava e cubana, sofridos pelos profissionais envolvidos nas filmagens e, que sem dúvida, influenciaram no desfecho do filme. Isso é muito rico", destaca Feijó.

Estes conflitos gerados pelo choque antropológico entre eslavos e latinos é, para os professores, o principal motivo do fracasso do longa-metragem de audiência de Kalatosov. "Os soviéticos tinham aquela visão fria da realidade que de maneira alguma tinha a ver com a visão fundamentada na paixão e na emoção, ou seja, o jeito latino de ser", revela Resende.

Feijó revela que tanto as técnicas utilizadas por Kalatosov em sua superprodução, quanto a construção do roteiro e a contextualização de histórias elaboradas pelo cineasta carioca, são primorosas. Portanto, acredita ele, a obra não deve deixar de ser vista, especialmente por estudantes do curso de Cinema. "Quem pretende investir nesta área terá de ver o mamute siberiano", diz.

Mas não é apenas para futuros cineastas que o documentário é recomendado. "Esta obra de Ferraz tem uma dimensão histórica extraordinária, tanto do ponto de vista estético como político", ressalta. Já o professor Resende acrescenta "Ele retrata questões importantes como o momento do embargo comercial promovido pelos Estados Unidos à Cuba e a fragilidade do discurso democrático norte-americano neste aspecto",

Estas divergências de pensamento que o professor se refere podem ser vistas na maneira em que o soviético Kalatosov tenta denunciar e até mesmo recriminar os momentos de alegria e festa da burguesia cubana retratados no filme. Sob suas ótica, condenável, mas para o povo cubano, algo muito comum, já que mesmo em tempos de desespero eles são muito parecidos com os brasileiros: alegres e divertidos. Um povo que consegue rir apesar de todas as mazelas. "A visão puritana marxista leninista incomodava o povo cubano. Isto porque, mesmo em tempos difíceis, o cubano continua comemorando, fumando seu charuto, bebendo seu rum e dançando. Em contrapartida, isto também causava estranheza aos soviéticos", explica Feijó.

Outro fato que denuncia essa diferença de valores é a contradição que os soviéticos, em especial Kalatosov, enxergavam em, por exemplo, uma prostituta usando um crucifixo. "Os cubanos achavam engraçado eles terem essa visão de contradição", revela Feijó. "Em Cuba, e isso também vale para outros países latinos, apesar da prostituição ser uma atividade condenada e até recriminada, as prostitutas têm sua religiosidade e isso não é visto como contradição", acrescenta.